

‘Atelier de pintura de livre expressão’ em Hospital-Dia Psiquiátrico

Jacqueline Santoantonio¹ & Andrés Eduardo Aguirre Antúñez²
Universidade Federal de São Paulo - Escola Paulista de Medicina
Departamento de Psiquiatria – Disciplina de Psicoterapia e Psicodinâmica

Introdução

A expressão por meio do traçado e da pintura é uma das primeiras descobertas da infância. Através dos desenhos, as crianças vão se apropriando da possibilidade de reproduzir o mundo interno e externo. O ambiente por sua vez, é responsável por muito da tradução do traçado em significados e associações e essas mudanças são decisivas para o desenvolvimento do ser humano desde que seja acompanhado por alguém.

Segundo Pablo Picasso o desenho não é um jogo e comenta que é muito grave e misterioso o fato de que o traço possa representar um ser vivo. Não somente sua imagem, mas sobretudo aquilo que ele realmente é. Mas, além de revelar ao outro os aspectos internos de quem desenha, ele apresenta ao próprio autor muitas respostas e potenciais de desenvolvimento.

Assim, muitas instituições que oferecem tratamento psiquiátrico têm adotado a expressão por meio do desenho de uma maneira terapêutica.

Para Ternoy M (1999) não se trata de buscar possibilidades de associação entre produção psicopatológica e inspirações ou criações artísticas ou mesmo retornar a questões acerca das ligações entre loucura e genialidade. Tomando-se cuidado para não cair em análises psicopatológicas reducionistas das obras de artes, esse é um caminho detentor de ensinamentos insubstituíveis graças ao poder expressivo do criador. Ele comenta: *‘é certo que a loucura não cria o artista, mas o encontro de uma e de outra é possível e não poderia ser concebido sem marcas’*.

O impulso criativo para Winnicott DW (1971) é algo necessário para um artista produzir uma obra de arte, mas se faz presente também quando qualquer pessoa se inclina de maneira saudável para realizar alguma coisa. Assim o impulso criativo está presente tanto no viver passo a passo de uma criança como na inspiração de um arquiteto ao descobrir subitamente o que deseja construir e pensa em termos do material a ser utilizado,

de modo que seu impulso criativo possa tomar forma e o mundo seja testemunha dele. Segundo o autor não se trata de que alguém seja capaz de explicar o impulso criativo, mas é possível estabelecer um vínculo entre o viver criativo e o viver propriamente dito. Por outro lado, é possível estudar as causas da perda desse viver criativo e o desaparecimento do sentimento que o indivíduo tem de que a vida é real ou significativa.

Safra G (1999) comenta que o ato de criar é fundamental para que os elementos que venham a fazer parte da constituição de *self* sejam vividos pela pessoa como aspectos significativos e expressivos de seu estilo de ser. Assim, criar é existir e os símbolos criados vão possibilitar uma articulação de maneira única na existência da pessoa.

O Atelier de Pintura é baseado na técnica desenvolvida há mais de 20 anos pelo psicólogo Michel Ternoy no Hospital Saint Venant - França - no tratamento de pacientes com transtornos psiquiátricos graves. Não se trata de oferecer ao paciente uma simples distração ³ Psicóloga. Doutora em Ciências.

⁴ Psicólogo. Doutorando. Bolsista Fapesp.

2

ou ocupação ou mesmo uma arte terapia com um objetivo artístico ou catártico. O intuito não é que o paciente produza uma grande obra mas o foco está na expressão, compreendida como ato e movimento criativo.

O método fenomenológico-estrutural permite uma aproximação distinta e peculiar ao sofrimento vivido, possibilitando ações terapêuticas próximas ao ritmo de cada paciente. É possível observar na livre expressão: os gestos, as necessidades, dificuldades, evoluções e interesses ao longo do tempo, no processo de busca de uma integração da personalidade.

O método se apóia na análise do fenômeno buscando precisar suas características fundamentais. A importância de uma reflexão fenomenológica no campo da expressão é que, através dela podemos entrar em contato com o outro e então observar sua visão de mundo no exato momento em que acontece. Ternoy M (1997) refere que o estudo da linguagem dos pacientes psicóticos abre uma via de acesso à compreensão dos fenômenos fundamentais tanto em uma dimensão expressiva como relacional. A expressão é uma relação fundamental, particularmente dinâmica e viva. A expressão exteriorizada é endereçada sempre a alguém e postula, nem que seja virtualmente, um espectador, um

interlocutor, susceptível de apreender aquele que se expressa. Ela revela a coexistência, a troca e a interação.

Winnicott DW (1971) compreende a criatividade como sendo a habilidade de criar o mundo e ela jamais se perde. Segundo Safra G (1999), uma importante questão da formação do *self* e da subjetividade está centrada no uso da imagem, da forma sensorial, que revelam o estilo de ser de uma pessoa, em gesto criador do outro e do mundo. Além de apresentar o seu existir por meio do gesto, a pessoa também se baseia na sonoridade e nas formas visuais. Salientou que uma criança vai significando suas experiências *‘tanto pelo uso da linguagem discursiva, que ela desenvolverá na relação com sua mãe, como também pela articulação de formas estéticas e simbólicas no campo sensorial de suas vivências. Trata-se da criação de formas com o uso da cor, da luz, do espaço, do tempo, do tato e assim por diante’*.

De modo que a expressão em grupo, no *setting* do ‘Atelier de pintura de livre expressão’, não se reduz à coisa realizada, mas à forma de expressão de quem cria. Para Ternoy M (1987) tanto o conteúdo da representação é importante como o próprio ato criativo. A expressão é compreendida em seu movimento constitutivo e dinâmico e é através da criação que a pessoa existe, se realiza e pode vir a ser.

Método

Quarenta pacientes atendidos no Programa Hospital-Dia participaram até o momento, do ‘Atelier de pintura de livre expressão’. Um grupo aberto semanal de uma hora e meia de duração é realizado no período da tarde. A equipe de saúde também é convidada a participar. Os grupos contam com uma média de seis a doze pacientes em crise com diversos diagnósticos psiquiátricos. Um terapeuta coordena o grupo e um co-terapeuta anota a verbalização dos pacientes. As intervenções visam facilitar um trabalho de reflexão e de formulação de impressões e sentimentos que inspiraram suas realizações.

O material colocado à disposição é composto por lápis preto (2B, 4B e 6B), lápis colorido (36 cores), lápis de cera, aquarela e carvão, pincéis variados e espátulas. As pinturas e desenhos são feitos em papel *Canson* de 216 x 316 mm e folhas sulfites brancas. Esses elementos foram escolhidos por serem considerados adequados para a confecção rápida de produções gráficas.

Cada sessão é composta por dois períodos distintos: o tempo de realização das produções e o tempo de diálogo verbal, num movimento que se inicia no gesto e se integra na linguagem.

No primeiro momento cada um produz seu desenho ou pintura. A expressão pessoal é totalmente livre sobre o espaço da folha.

Na segunda parte, os participantes afixam seus desenhos em um quadro de cortiça. A pessoa pode aceitar ou não afixar sua produção. O grupo se dispõe em um semicírculo diante dos desenhos e das pinturas. O coordenador convida um a um a fazer algum comentário sobre as produções, da maneira como quiser e se quiser. As expressões verbais são registradas pelo co-terapeuta. As intervenções dos terapeutas visam facilitar a expressão de sentimentos e pensamentos, de modo que os participantes possam ir mais além das suas formulações objetivando a ampliação dos recursos expressivos. Trata-se de um momento que podemos ouvir os pacientes naquilo que eles selecionam como essencial para comunicar.

Outras questões a respeito do funcionamento do grupo são essenciais para o desenvolvimento do trabalho. A noção de contrato, por exemplo, é essencial. O paciente pode participar do grupo se quiser e, aquele que vier sabe que deverá engajar-se na

atividade proposta segundo os limites estabelecidos. A sessão começa e termina na mesma hora para todos do grupo. Mesmo que o participante termine sua produção e a coloque no quadro de cortiça ele aguardará em silêncio o tempo especificado até o final da discussão. Dessa forma, a atividade estabelece um ritmo preciso de funcionamento que após um tempo ajuda os pacientes a se organizar no tempo, no seu tempo e no dos outros.

A folha representa o espaço que a pessoa utilizará livremente. A pessoa pode desenhar ou pintar o que deseja e decidir então o destino da sua criação, ou seja, ela poderá expor ou não no quadro para que os outros vejam, ela poderá levá-la para casa, dar a alguém, ou aos terapeutas para que arquivem em sua pasta. Cada paciente tem uma pasta onde são guardadas as produções que apresentam uma história vivida. Ninguém pode interferir na folha de outro participante sem seu consentimento.

A sessão seria incompleta sem a verbalização. No momento da discussão a participação também é livre e cada um pode tomar a palavra exprimindo-se dentro de suas possibilidades ou permanecer em espera. Os comentários podem variar de algumas palavras a explicações mais longas. As intervenções do terapeuta não visam uma interpretação decodificadora de sentido mas têm o intuito de facilitar que o paciente possa ir um pouco mais além em seu trabalho reflexivo e de formulações de impressões e sentimentos que motivam suas produções. A postura dos terapeutas é de possibilitar o aparecimento do inédito e dos enigmas da vida, paradoxos a serem tolerados.

Segundo Ternoy M (1987), estamos diante do campo da metáfora mais do que da interpretação: *'as pessoas reencontram nos desenhos o reflexo do vivido e, a partir de suas descrições, deslizam sobre a evocação de sua própria história'*.

Articulações com o método fenomenológico-estrutural vão sendo desenvolvidas, trata-se de um método de análise da linguagem que traz em si a marca da expressão individual, do modo de ver e tomar contato com o real, com os outros e consigo mesmo. É a marca de uma maneira de se situar e de se inscrever na existência (Barthélémy JM, 1997). Verificamos na linguagem de cada um, como o sujeito nos apresenta sua 'visão em imagens' do mundo, dos outros e de si. Aparecem os mecanismos de 'lien' (ligação) e o mecanismo de 'coupure' (corte, dissociação, ruptura), as angústias diante do 'clima' sensorial provocado pelas características ou temas dos desenhos, a sensibilidade à cor e à afetividade, o papel do movimento na visão, seja ele humano ou animal e das peculiares

formas de estabelecer contato com os terapeutas e com os outros componentes do grupo. É então observada a fenomenologia da linguagem em sua função expressiva, comunicativa, estando atentos à qualidade do espaço e do tempo vivido pelos pacientes (Minkowski E 1927). Em suma a análise fenômeno-estrutural é um método que observa o modo de visão, linguagem e comportamento e pode ser utilizado na análise de desenhos, no teste de memória 'Figura Complexa de Rey', no psicodiagnóstico de Rorschach e na linguagem discursiva (Helman Z,1997).

O 'Atelier de pintura de livre expressão' é um espaço privilegiado para a descoberta de recursos e habilidades, sendo uma técnica que favorece o aparecimento de gestos criativos mas que contribui sobretudo, para o desenvolvimento dos aspectos da personalidade que não emergiram ou que não puderam ser acolhidos em outros momentos. A interação com o outro em um espaço referencial promove a discriminação e a elaboração das sensações vividas que não puderam ser integradas. A origem do potencial criativo aparece em sua essência original.

Após algumas sessões, o estilo ou traço característico de cada um começa a ser percebido e a identificação passa a ser evidenciada também pelos pacientes. Podemos observar que alguns revelam, em conjunto com uma melhora na sintomatologia, o estabelecimento de uma forma no desenho que antes não estava presente, ou mesmo o aparecimento de um sentido ou associação ao realizado, que pode ser perdido em outro momento, mas na fala dos terapeutas isto é destacado no momento em que aparece.

O grupo

As produções realizadas são livres e espontâneas neste sentido, bem como a opção de se expressar verbalmente. Com o passar do tempo, observamos que vai se criando um grupo de trabalho onde uma história do mesmo é inserida, criada, lembrada e estabelecida. Em uma sessão do Atelier um paciente faz um desenho usando várias cores, figuras geométricas e espirais. Ao falar sobre sua criação ele diz *'não sei o que é isso, não pensei em nada, eu apenas fiz, não tem um significado'*. E imediatamente uma paciente interrompe dizendo: *'você sempre diz isso, porquê?'*. Queremos salientar é que para a última paciente esta constatação toca em uma dificuldade do outro que a incomodou, ela quer mudanças no outro e nela mesma, através de um mecanismo projetivo ela vê no outro o que também é dela. O primeiro paciente apropria-se do gesto que vem acompanhado do não-saber, do nada, do vazio, do indefinido, da espera por um sentido.

Para este último paciente o Atelier foi muito importante. No início desenhava com cores acromáticas somente, após vários meses começa a experimentar as cores, os afetos começam a ter um trânsito. Um ano depois ele já estava desenhando faces humanas, ainda indefinidas, incompletas. A evolução se segue em desenhar corpos inteiros em movimento, mas curiosamente não se podia definir o sexo. No momento, este paciente está próximo de receber alta e no Atelier vem desenhando homens nus. Todas essas observações são comunicadas ao paciente semana a semana e à equipe de saúde, e ao mesmo tempo, que ele continua a verbalizar que *'não encontra sentido no que faz'* sua expressão facial denota alegria!

Há desenhos fáceis de serem identificados e há também aqueles mais abstratos e coloridos, que contém movimento sem forma definida, como se o traçado fosse a marca do afeto mais puro. Os desenhos refletem enigmas de si, mostrando-nos características importantes de suas percepções, preocupações, desejos, repulsas, ódios, desespero, morte, brincar, sonhos, pesadelos, devaneios, alegrias etc.

Os desenhos afixados no quadro podem ser compreendidos de diversas formas. O coordenador do grupo é o mediador das falas pessoais de cada paciente e as inter-relações de opiniões e discursos. Os desenhos podem ser entendidos como um facilitador para

outros assuntos, direta ou indiretamente relacionados aos mesmos. As percepções abrem caminhos para conhecermos as comunicações das vivências que ali se expressam.

Os assuntos gerados no grupo interessam aos outros, todos falam e depois ouvem elogios ou críticas às suas produções. Observar as diferenças de desenhos e opiniões parece facilitar o aparecimento das relações empáticas ou repulsivas. Os gestos, os traços, a linguagem revelam as diferenças. O diálogo em um espaço e tempo demanda uma escuta silenciosa e respeitosa pelo outro. A exposição de sua produção, o que cada um pensa e sente toma um corpo. Por outro lado, dependendo dos componentes do grupo e das suas dificuldades situacionais pode ocorrer de não haver uma harmonia como a já citada, mas sim uma tensão grupal que é acolhida, suportada e tolerada pelo grupo como um todo e sempre mediada pelo coordenador e co-terapeuta.

Os pacientes falam sobre suas produções em primeiro lugar, para depois discursarem sobre o impacto dos outros desenhos neles mesmos, ou preferem falar dos outros para depois se referirem ao seu, a opção de escolha é deles. Nossa referência é dizer *'fale do seu primeiro'*, mas são eles que decidem aceitar a sugestão ou não. Quando um fala, todos ouvem com atenção. O clima que se estabelece geralmente é de harmonia e respeito. Caso não ocorra isso, o coordenador do grupo, media a situação até se restabelecer o discurso de quem tem a palavra e o restabelecimento de um respeito mínimo para que o encontro possa continuar em seu processo onde as dificuldades são partes integrantes e não são rejeitadas.

Conclusões

O tratamento no Hospital-Dia em associação com o 'Atelier de pintura de livre expressão' tem se revelado uma modalidade pertinente no acompanhamento de pacientes com transtornos psiquiátricos graves visto que em cada paciente foi observada uma melhora em sua capacidade de discriminação e integração durante a evolução do Atelier e também os reflexos de suas melhoras em outras atividades terapêuticas como: o grupo de recepção

no começo da semana, oficinas de terapia ocupacional, psicoterapia em grupo, musicoterapia, oficina de história, passeios externos, na convivência, no grupo de familiares e de fechamento da semana.

A abordagem fenomenológica no campo da expressão favorece o acesso à visão demundo do paciente evidenciando suas necessidades através das expressões espontâneas. Na constituição do *self* e da subjetividade há uma profunda interligação entre a pessoa e o mundo, ou seja, o *self* é o acontecer de si mesmo no ambiente, o que indica que a ação e o gesto são fundamentais para essa integração, bem como a interação com o interlocutor.

A técnica favorece o surgimento de vivências novas e inéditas, concreta ou abstratamente, em forma de ações que possibilitam o aparecimento do desconhecido que, não raras vezes, é acompanhado de um desamparo que precisa ser acolhido. De acordo com Safra G (2001) criar implica um convívio com a solidão absoluta. Todo gesto criativo cria uma instabilidade, pois a pessoa tem que se ausentar do mundo, destruir o que está nele. O ato criativo é um ato que desconstrói, e apresenta o risco do impacto frente à consequência e responsabilidade do que foi criado.

Pintar junto a outros, produzir seus próprios desenhos, revela uma faceta trágica da criatividade e da liberdade destas pessoas, muitas vezes aprisionadas na possibilidade de vir a ser. Assim, o ato criativo é um ato livre que pode ser vivido como algo assustador. O Atelier oferece um espaço para o aparecimento do que é incompleto, permitindo o acesso a aspectos emocionais que não puderam ser desenvolvidos ou expressos de outra maneira. O encontro facilita o surgimento do inusitado e surpreendente, possibilitando o aparecimento do gesto criativo, uma ação no tempo e no espaço do não convencional, possibilitando vivências além do sofrimento e da dor psíquica, mas também as vivências de encanto, de ilusão, de alegria, expressão dos estilos individuais e aspectos que ajudam na integração pessoal no cotidiano, na busca de uma cidadania e consciência de sua condição, fragilidade e potencialidades.

Referências bibliográficas

- Barthélémy, JM (1997). Análise da linguagem no Rorschach segundo o método fenômeno estrutural. In: Anais do I Congresso da Sociedade Brasileira de Rorschach e outros métodos projetivos e I Congrès de la Société Internationale de Psychopathologie Phénoméno-Structurale. Julho de 1997; p. 99-104.
- Helman Z (1997). Psicopatologia fenômeno-estrutural e método de Rorschach: a evolução de uma corrente, seus desenvolvimentos atuais. In: Anais do I Congresso da Sociedade Brasileira de Rorschach e outros métodos projetivos e I Congrès de la Société Internationale de Psychopathologie Phénoméno-Structurale. Julho de 1997, p 279-290.
- Minkowski E (1927). La shizophrénie. Psychopathologie des schizoïdes et des schizophrènes. 2ème éd. France: Desclée de Brouwer;1953. In Ternoy M. Rorschach, rêve éveillé et expression grapho-picturale dans l'étude phénoméno-structurale des hallucinations [Thèse]. France: Université de Lille III; 1997.
- Picasso P (1937-1945). Anos de guerra [Exposição]. São Paulo: Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand; 21/09 a 15/11 - 1999.
- Safra G (1999). A face estética do self. São Paulo: Unimarco; p.53.
- Safra G (2001).A ética da criatividade [Palestra]. In Colóquio O brincar na realidade - a prática da Arte terapia. São Paulo: Universidade São Marcos; 7 de abril.
- Ternoy M (1987). L'espace pictural de groupe. Rorschach et psychopathologie phénoménostructurale. Expression et psychopathologie. In Colloque Octobre. France: Recueil n. 3; p.12-20.
- Ternoy M (1999). A obra de Augustin Lesage: pintor mediúnico – a criação de uma existência entre a invenção e repetição. Estudo Psicopatológico. In Spinelli J *et al.* Criatividade – uma busca interdisciplinar. São Paulo: UNESP; p.30-40.
- Ternoy M (1997). Rorschach, rêve éveillé et expression grapho-picturale dans l'étude phénoméno-structurale des hallucinations [Thèse]. France: Université de Lille III.
- Ternoy M (2001). Rorschach, Reve Eveille Dirige et Expresión GRAPO-Picturale. Simpósio Creatividad. Libro de Resúmenes. XI Congreso Latinoamericano de Rorschach y otras Técnicas Proyectivas. Ética y Realidad Socio Cultural. Rosario, mayo de 2001, p13.
- Winnicott DW (1971). O brincar e a realidade. Rio de Janeiro: Imago, 1975.